

SELETA

SÃO PAULO, CENTRO DE IRRADIAÇÃO DA EXPANSÃO INTERIOR

Fernando de AZEVEDO

Das vilas do planalto do centro sul, uma, sobretudo, a mais antiga, fundada por Martim Afonso em 1553, assume, na boca do sertão, uma importância capital não só pelas suas condições topográficas como por constituir, com São Vicente, no litoral, os dois focos iniciais de irradiação paulista, e terem nela a sua origem Taubaté, Itu e Sorocaba, outros três focos de conquista, expansão e povoamento.

Situada à entrada do sertão e à margem do Tietê, que é um caminho de penetração natural, e a 60 quilômetros de um porto de mar, e mais tarde numa encruzilhada de caminhos que se estendem em quase todas as direções, Piratininga é no planalto o lugar onde começam os caminhos do mar e os caminhos da terra, que tomam a sua existência mais estreitamente ligada à circulação do que aos mercados.

Sobre os destinos dessa vila, no tempo das bandeiras, e dessa cidade, mais tarde, na idade do café, como na sua fase industrial, influiu, mais do que sobre os destinos de qualquer outra, a história dos caminhos que para aí afluem ou daí se irradiam, com todo o seu poder criador, desde as origens de Piratininga - o caminho dos índios pela Serra do Mar -, até o período mais brilhante de sua civilização atual. Mas como o foco litorâneo de São Vicente que se esgota, não só alimentando os focos de serra acima senão também projetando pelo litoral, na direção do norte e do sul, a sua ação colonizadora, São Paulo de Piratininga, no planalto, não se desenvolveu senão para impelir todas as suas forças vivas para os sertões do norte e do sul, à caça do índio, à procura do ouro, ou pela sua atividade pastoril, em busca de novos campos de criação.

Em geral, o círculo de influência das cidades varia com a sua importância e a distância entre o ponto de partida e o de chegada, ou o que se poderia

chamar "a amplitude da onda da imigração", é tanto maior quanto mais considerável o centro urbano. A amplitude da onda de expansão dessas migrações desbravadoras que tem como ponto de partida São Paulo de Piratininga e depois Taubaté, Itu, Sorocaba, e senhoreiam todo o Brasil-central e meridional não tem porém qualquer relação com a importância ou o volume desse agrupamento urbano, cujas energias colonizadoras se prendem antes à assombrosa atividade dinâmica dessa raça de mestiços, que se plasmou no planalto, e das forças econômicas verdadeiramente fecundas (o índio, o ouro e o gado) que impelem os bandeirantes para o sertão.

O que essas correntes povoadoras ganham em extensão ou em superfície, atingindo por vias terrestres ou fluviais a distâncias prodigiosas dos seus pontos iniciais de irradiação, perde em profundidade a vida urbana, ainda nascente, em que se alimentam e a que voltam, para restaurar, com novos recursos e com novos homens, as suas forças de colonização. As bandeiras paulistas extraem, de fato, de uma raça vigorosa e de um sangue jovem - a raça e o sangue dos mamelucos, povoadores de Piratininga - um excesso transbordante de forças que as sangrias, freqüentes e quase periódicas das expedições, temperam dificilmente, em cerca de um século de expansão sertaneja. Fundadores de currais, caçadores de escravos, descobridores de ouro, os paulistas, açulados pelo espírito de aventura, pela cobiça ou pela necessidade de expansão do gado, dispersam-se por toda parte, devassando sertões, abrindo caminhos e estabelecendo, ao norte, ao sul e a oeste, núcleos de povoamento e de civilização.

A pequena vila de Piratininga despovoava-se, mas para povoar, nem chega a enriquecer-se: os paulistas, senhores das minas descobertas, são despojados de suas terras e repelidos em 1709 pelos emboabas, reinóis e sertanejos da Bahia que lutavam por anular pela força os privilégios dos bandeirantes; e, como um símbolo, Fernão Dias morre em 1681, à margem do rio das Velhas, apertando contra o peito as pedras verdes que supunha esmeraldas... As sucessivas sangrias em sua população, a enorme alta dos preços que, entre 1690 e 1709, levantavam o clamor do povo "constrangido da necessidade", e, em geral, as perturbações econômicas na antiga zona povoada de São Paulo, em consequência das migrações internas, não permitiram que no planalto paulista atingisse, nos séculos XVII e XVIII, a menor intensidade, um fenômeno de concentração e ao qual as bandeiras, pelo seu caráter dispersivo e expansionista, opunham, em si mesmas e nas suas consequências, um obstáculo insuperável em quase dois séculos.

Onde se vai produzir mais intensamente o fenômeno de concentração urbana é nas regiões das minas, descobertas pelos desbravadores paulistas, nas suas formidáveis incursões pelo sertão. Mas o fenômeno urbano que não se deve confundir com o de povoamento primário, feito por uma grande variedade de sistemas e por etapas, não se processou senão através de dificuldades e, a princípio, em luta contra dois fatores de dispersão e mobilidade das populações sertanejas,

atraídas de todos os pontos para as "minas gerais" pela ilusão sedutora da riqueza fácil e rápida, na exploração do ouro.

À notícia do sucesso das bandeiras, aflui da Metrópole e da colônia, das aldeias de Portugal como das vilas brasileiras, e até do recôncavo e do fundo dos sertões, um mundo de imigrantes, brancos, negros, índios e mestiços, aventureiros reinóis e sertanejos da Bahia, que vêm juntar-se aos paulistas, senhores, por outorga de concessões reais, das terras descobertas. Multiplicam-se, na região das minas, os arraiais, as povoações e as vilas; e os primeiros centros mineradores. A população crescente de forasteiros, atraídos de longes terras pela obsessão do ouro, em vez de se concentrar em algumas vilas, dispersa-se, fragmenta-se e como que "se pulveriza" em um número extraordinário de arraiais e povoações que, desenvolvendo-se antes de tudo pelo vale do rio das Velhas, se estende pela bacia do Jequitinhonha, onde surgem, fundadas ainda por paulistas, as vilas de Diamantina, Grão-Mogol e Minas Novas.

Esse fenômeno de dispersão, que se explica já pela marcha do sertão a dentro, sempre à cata de novas minas, já pelas lutas entre emboabas e paulistas que, desalojados de suas terras, continuam a penetração dos sertões por Mato Grosso e Goiás até onde não chega a cupidez do português intruso, já pelo desassossego que reina na capitania, devido às extorsões do fisco, tem a acentuá-lo ainda mais a própria natureza da exploração do ouro de aluvião, que se depositava nos leitos e nas margens dos rios. A facilidade com que as minerações mudavam de local favoreceu não apenas o desenvolvimento do espírito de insubmissão, que fermentou nas minas, mas a dispersão dessas populações heterogêneas, e flutuantes, deslocando-se constantemente em busca, ou à primeira notícia da pepita que brilha na areia do rio ou se oculta nas vertentes das serras. Só mais tarde, a partir de 1720, como observa Barros Latif, os trabalhos vultosos exigidos pelo ouro de montanhas radicam o homem à terra, e a concentração dos mineradores, pela estabilidade do trabalho, fazendo a população perder o caráter nômade, aventureiro, contribui para fixá-la e leva os senhores de lavras a construir suas casas junto às minerações.

Assim, pois, se o século XVII, o das bandeiras, foi o século da expansão territorial, da conquista e do povoamento, o século do ouro, o XVIII foi, com o declínio do patriarcalismo rural, no norte, e do movimento das banheiras, ao sul, o século do desenvolvimento das cidades, onde se formara e já ganhava corpo a nova classe burguesa, ansiosa de domínio, e já bastante forte para enfrentar o exclusivismo das famílias de donos de terras.

(A Cultura Brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil, 135-138. 4ª ed., revista e ampliada. Brasília, Editora da Univ. de Brasília, 1963. (Col. "Biblioteca básica brasileira, v. 4).